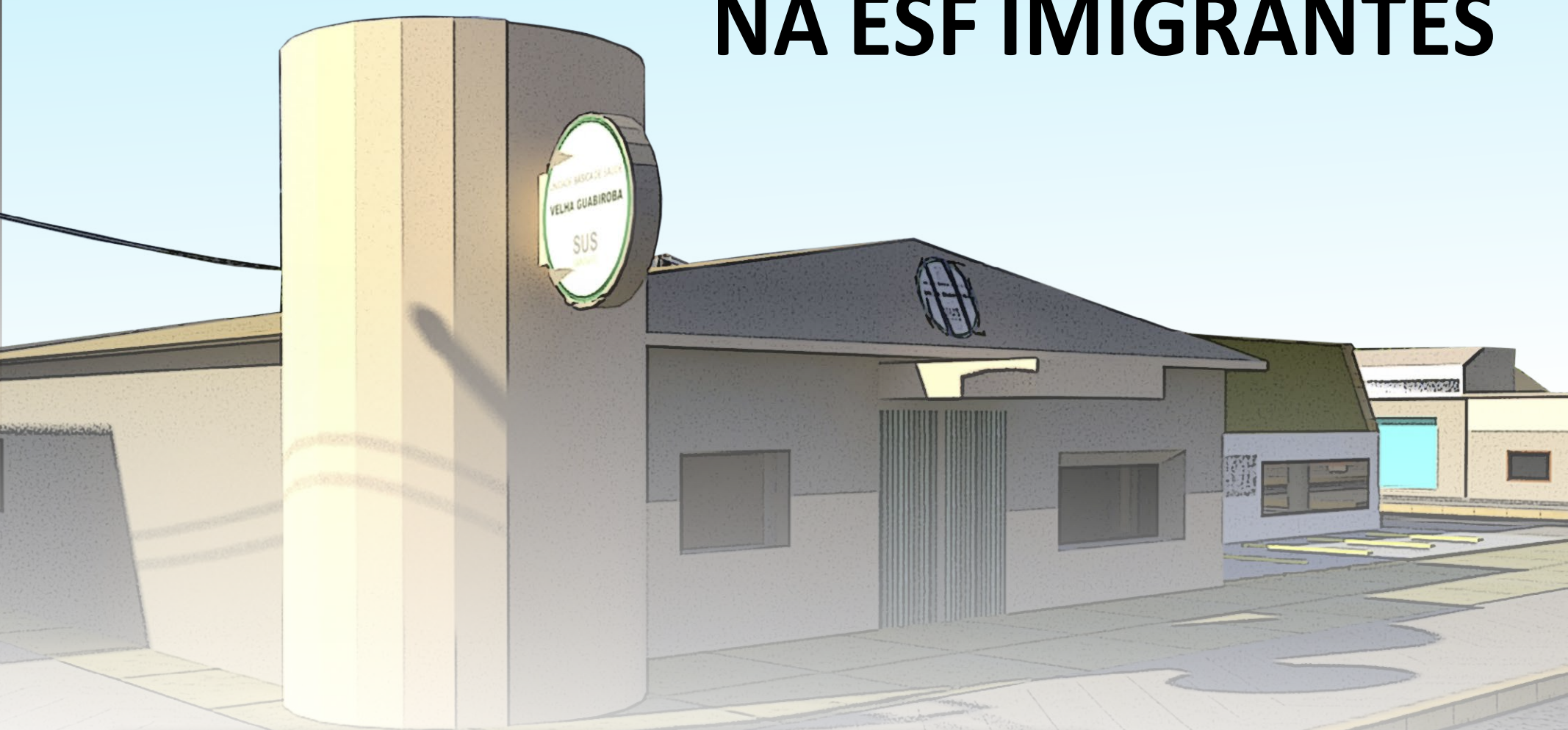
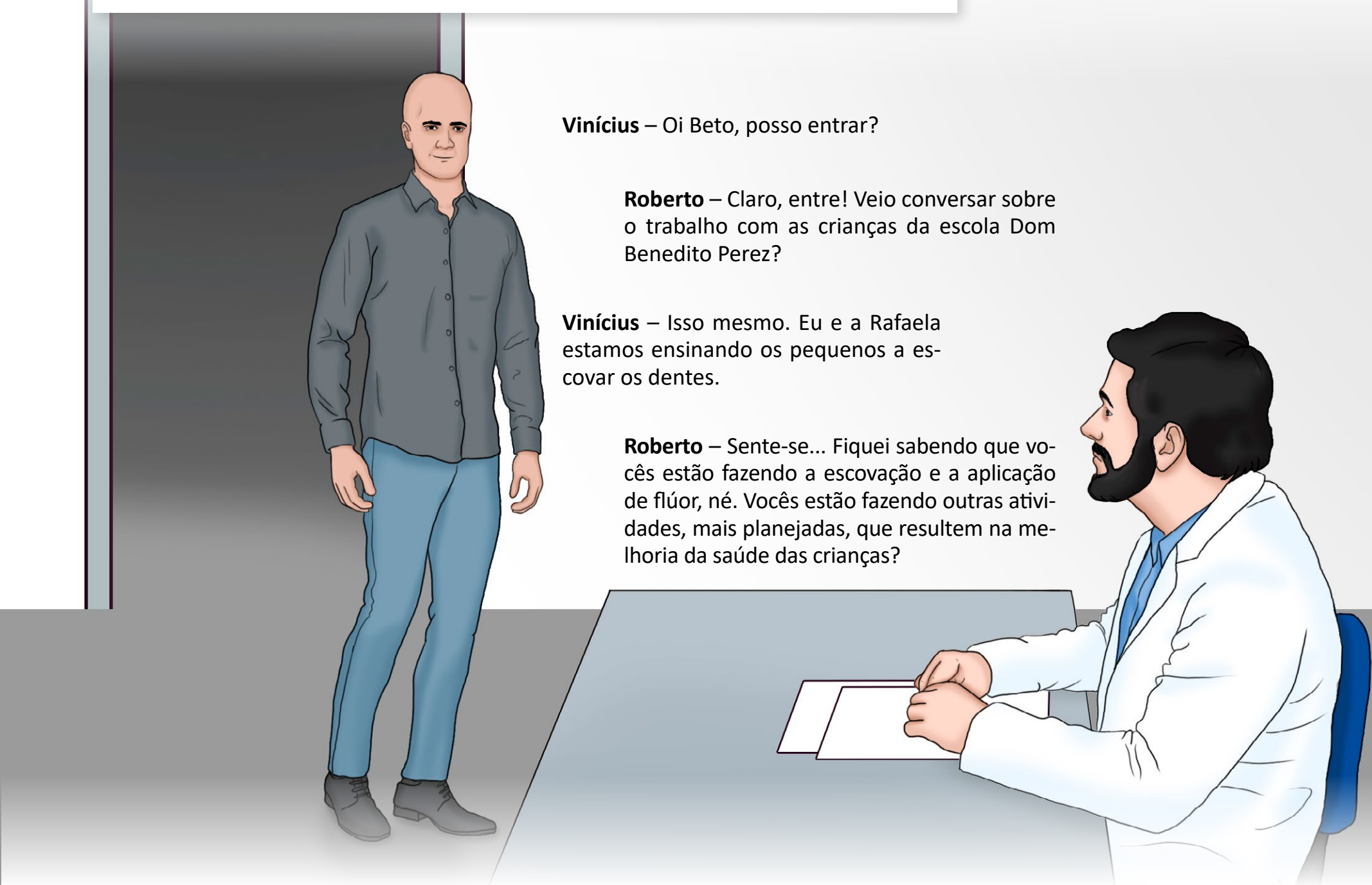


COMO FAZER UM DIAGNÓSTICO DE SAÚDE BUCAL EM CRIANÇAS NA ESF IMIGRANTES



Seguindo os conselhos da enfermeira Silvana, o dentista Vinícius resolveu conversar com o CD Roberto da ESF Velha Guabioba, a fim de saber como se faz um diagnóstico de saúde bucal das crianças adscritas no território da ESF Imigrantes, local onde ele trabalha.



Vinícius – Oi Beto, posso entrar?

Roberto – Claro, entre! Veio conversar sobre o trabalho com as crianças da escola Dom Benedito Perez?

Vinícius – Isso mesmo. Eu e a Rafaela estamos ensinando os pequenos a escovar os dentes.

Roberto – Sente-se... Fiquei sabendo que vocês estão fazendo a escovação e a aplicação de flúor, né. Vocês estão fazendo outras atividades, mais planejadas, que resultem na melhoria da saúde das crianças?

Vinícius – Estou fazendo o que a Secretaria Municipal de saúde me mandou. E tem outra questão, não sei como fazer diferente. O que tu sugeres?

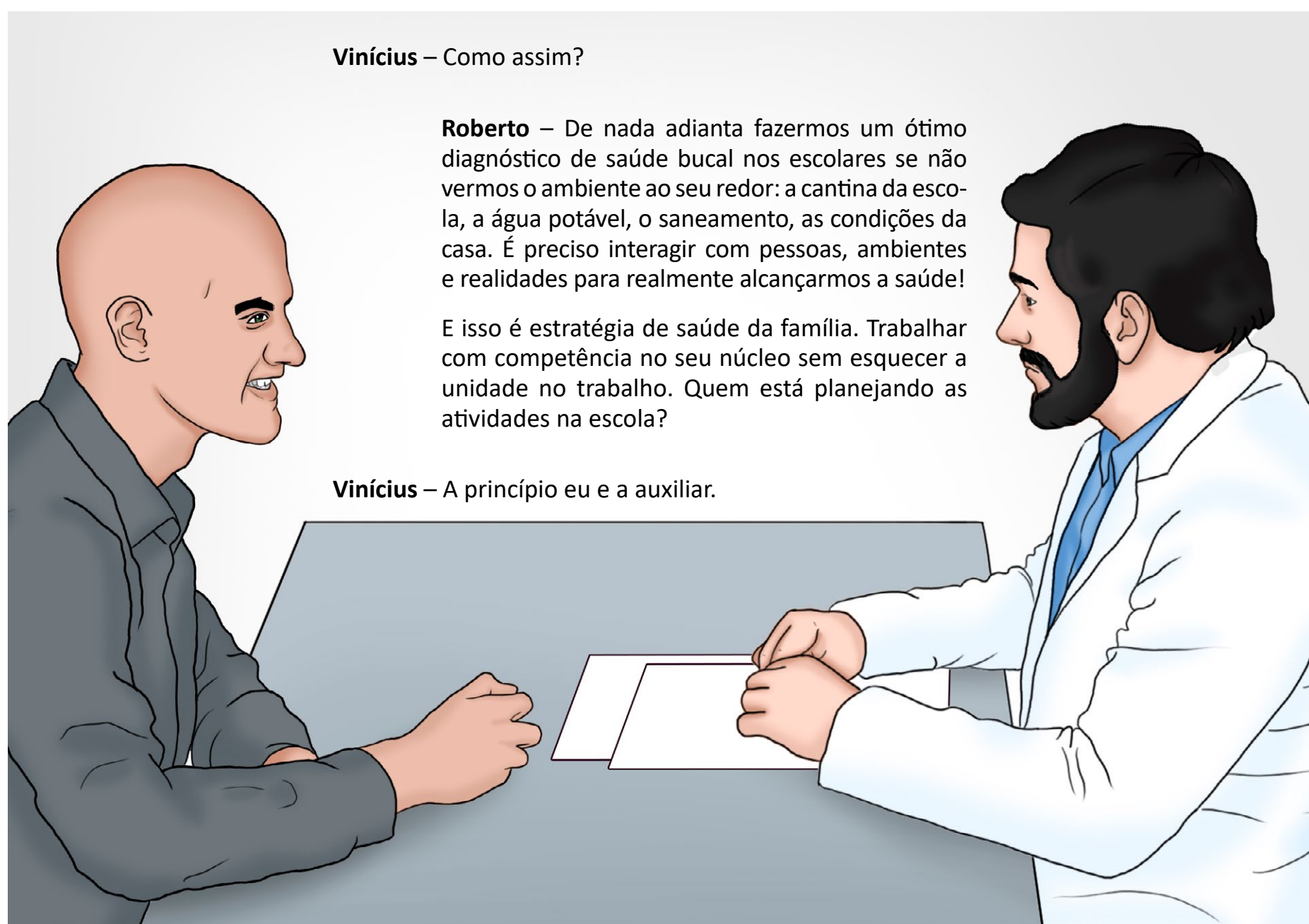
Roberto – Te entendo. Mas, como o processo de trabalho em uma ESF é diferente, em que temos que abordar a família de modo intersetorial e multiprofissional, temos que buscar parcerias com nossos colegas, escolas, igrejas, enfim, em espaços onde a comunidade está inserida e se identifica.

Vinícius – Mas por onde e como começar?

Roberto: Primeiro devemos fazer o planejamento, buscando identificar ações voltadas ao diagnóstico epidemiológico em saúde bucal. Depois há a programação, em seguida a avaliação. Para fazer o planejamento é preciso conhecer o perfil das crianças em relação à saúde bucal, fazendo o CEO-D.

Vinícius – Mas eu consigo fazer isso na escola?

Roberto – Claro. Converse com a diretora para ver se é possível realizar atividades de promoção de saúde sem interferir na rotina de alunos e professores.



Vinícius – Como assim?

Roberto – De nada adianta fazermos um ótimo diagnóstico de saúde bucal nos escolares se não virmos o ambiente ao seu redor: a cantina da escola, a água potável, o saneamento, as condições da casa. É preciso interagir com pessoas, ambientes e realidades para realmente alcançarmos a saúde!

E isso é estratégia de saúde da família. Trabalhar com competência no seu núcleo sem esquecer a unidade no trabalho. Quem está planejando as atividades na escola?

Vinícius – A princípio eu e a auxiliar.

Roberto – Aí tá o primeiro erro. A escola é uma grande parceira do nosso trabalho. Por isso, temos que incorporar outros profissionais para que tenhamos êxito na nossa proposta.

Deves identificar quais as doenças e agravos em saúde que afetam os escolares. Usar o CEO-D sempre com a autorização do responsável pela criança. Depois é importante saber o grau de resolução dos problemas que encontramos e se o serviço está organizado para atender essa nova demanda.

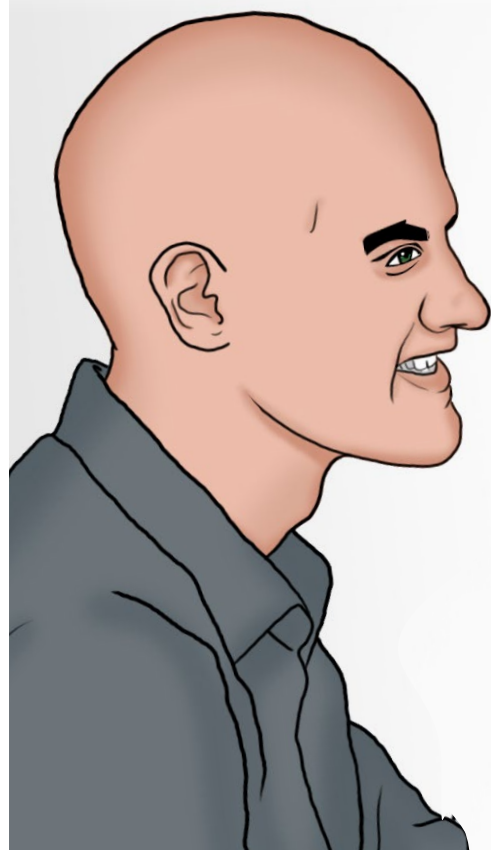


Vinícius – Assim podemos encaminhar as crianças que apresentaram cárie ou outros agravos, possibilitando o acesso sem “estrangular” o serviço que já é bastante procurado.

Roberto – Viu? Já está sabendo como funciona. A partir disso, reorganizar a oferta de atenção odontológica na rede como um todo, começando na ESF ou na UBS.

Vinícius – É preciso ter periodicidade para que tenhamos o conhecimento e possamos intervir da melhor maneira na realidade local.

Roberto – E avaliar para sabermos o real impacto das nossas ações na saúde bucal das crianças. E para saber se o objetivo foi alcançado é necessário criar um indicador para termos uma ideia se o caminho que estamos trabalhando é o certo.



Vinícius – Além disso, é preciso uma capacitação da equipe, não é? Do contrário, teremos diagnósticos equivocados.

Roberto – É verdade. Antes de sair a campo e ir à escola fazer o levantamento dos agravos em saúde bucal, é necessário que os profissionais da odontologia tenham a mesma leitura dos diagnósticos e a mesma conduta diante do que será encontrado.

Vinícius – Como o trabalho em equipe os resultados serão mais facilmente atingidos.

Roberto – Certo! E para que tenhamos êxito é importante que a equipe nos procure quando perceber alguma alteração importante na boca!



Vinícius – O trabalho da ESF eu já entendi: fazer o diagnóstico, programar o que fazer diante dos achados e avaliar os resultados, mas e na escola como se faz?

Roberto – Na escola a participação dos pais e professores é essencial para que possamos planejar os diagnósticos em saúde bucal. Podemos elaborar uma ponte entre escola e serviço de saúde para que os pais estejam atentos à saúde bucal dos seus filhos, tendo continuidade na escola.

Vinícius – Poderias exemplificar?

Roberto – Ir à escola, examinar as crianças, estabelecer um plano de tratamento e promover ações de saúde junto aos educadores e alunos, não ser uma pontual, pois as doenças bucais, muitas vezes, não o são e necessitam de acompanhamento.

Tu poderias ter um turno semanal para ir à escola e fazer um exame rápido, pois não é possível detectar mancha branca sem secar adequadamente. Depois encaminharia para a ESF e farias o CEO-D.

Vinícius – Perfeito, Roberto!

Roberto – Lembre que há outras doenças, não apenas a cárie, sendo necessários outros instrumentos de diagnóstico além do CEO-D.

Vinícius – Pois é, examinar tecidos moles e anotar qualquer alteração já é um começo.

Roberto – Com certeza.

Vinícius – Valeu, Roberto! Agora eu vi que a ação que eu estava fazendo traria pouco ou nenhum resultado na saúde dos escolares. Planejar e avaliar são fundamentais para a implementação de qualquer ação.

Roberto – Beleza. Depois me conte como foi a tua atuação na escola.

Vinícius – Voltarei com boas novidades.

